

**REPRESENTAÇÃO DE PERSONAGENS FEMININAS EM SHERLOCK
HOLMES: O ESCANDALOSO CASO DE IRENE ADLER**

**REPRESENTATION OF FEMALE CHARACTERS IN SHERLOCK HOLMES:
THE SCANDALOUS CASE OF IRENE ADLER**

Eduarda Batista¹
Letícia Castilho²
Neide Garcia Pinheiro³

Data de recebimento do texto: 09/10/2025

Data de aceite: 05/11/2025

Resumo: Este artigo investiga a representação de personagens femininas no cânone holmesiano de Arthur Conan Doyle, examinando como as narrativas policiais Vitorianas articulam regimes de visibilidade e silenciamento de gênero. À luz da crítica feminista e dos estudos de representação (Teixeira; Zolin), em diálogo com a noção de performatividade (Butler) e com leituras do gênero policial (Plain; Gillis; Reddy), realiza-se uma leitura da personagem Irene Adler em contextos de adaptação.

Palavras-chave: Ficção policial. Arthur Conan Doyle. Crítica feminista. Adaptação literária.

Abstract: This article investigates the representation of female characters in Arthur Conan Doyle's Sherlock Holmes canon, examining how Victorian detective narratives articulate regimes of gender visibility and silencing. Drawing on feminist criticism and representation studies (Teixeira; Zolin), and engaging with the concept of performativity (Butler) as well as analyses of the detective genre (Plain; Gillis; Reddy), the study offers a reading of the character Irene Adler within the context of adaptations.

Keywords: Detective fiction. Arthur Conan Doyle. Feminist criticism. Literary adaptation.

¹ Mestranda em Letras na Universidade Estadual do Centro-Oeste, Unicentro. E-mail: eduardabts4@gmail.com

² Doutoranda em Letras na Universidade Estadual do Centro-Oeste, Unicentro. Bolsista CAPES. E-mail: castilholeticia7@gmail.com

³ Doutora em Letras. Docente na Universidade Estadual do Centro-Oeste, Unicentro. E-mail: ngarcia@unicentro.br

1. Introdução

Arthur Conan Doyle foi um médico escocês graduado pela Universidade Stonyhurst, na Inglaterra. Contudo, o que lhe trouxe reconhecimento não foi sua carreira na medicina, mas sim a criação de algumas das obras literárias mais famosas do mundo, ou melhor, um dos personagens mais famosos do mundo, que transformou a lógica da investigação em um espetáculo narrativo: Sherlock Holmes. Publicado pela primeira vez em 1887 (*A Study in Scarlet*), o universo sherlockiano cresceu em romances e, sobretudo, contos seriados nas revistas Vitorianas: *The Sign of Four* (1890), *The Adventures of Sherlock Holmes* (1892), *The Memoirs of Sherlock Holmes* (1893), *The Hound of the Baskervilles* (1901–02), entre outros, consolidando a parceria Holmes–Watson e um modelo narrativo que serviria como inspiração para toda a ficção policial posterior e até mesmo criações fora deste gênero de ficção.

Embora Holmes seja o eixo mais visível de sua produção, Doyle escreveu também romances históricos como *The White Company* (1891), aventuras científicas com o Professor Challenger em *The Lost World* (1912) e ensaios, além de se envolver, já no século XX, em debates sobre espiritualismo. No plano cultural, a “marca” Sherlock ultrapassou os textos: as ilustrações de Sidney Paget cristalizaram o visual do detetive, o endereço 221B Baker Street tornou-se sinônimo de genialidade excêntrica, e adaptações atravessaram décadas e mídias. Esse circuito transmidiático transformou Holmes em um arquivo cultural aberto, no qual fórmulas narrativas, personagens e tropos são continuamente reutilizados, contestados e reinventados.

Um exemplo de representação cinematográfica dos personagens Sherlock Holmes e John Watson é o filme intitulado “Sherlock Holmes”, de 2010, dirigido por Guy Ritchie e que conta com a participação de Robert Downey Jr e Jude Law, representando respectivamente o detetive e seu parceiro investigativo. Tal adaptação apresenta Holmes com uma característica quase heroica, visto que suas habilidades são representadas através de uma perspectiva muito parecida com o que costumamos ver nos super-heróis dos filmes atuais deste gênero. O filme tem ambientação em 1891, quando Holmes e Watson são chamados para impedir a morte de uma mulher. Além da trama principal, a produção também explora a amizade entre os dois homens e a vida amorosa de Holmes.

Outro exemplo é a série britânica *Sherlock* (2010) de Mark Gatiss e Steven Moffat, estrelando Benedict Cumberbatch como Sherlock Holmes e Martin Freeman como John Watson. Tendo seu início em 2010, a série conta com quatro temporadas, cada uma delas possuindo três episódios. Diferente do filme, a série se passa na Londres contemporânea trazendo Sherlock Holmes como um detetive consultor que ajuda a polícia londrina em suas investigações ao lado de Watson, que documenta suas aventuras em um blog, tornando Holmes uma celebridade, com sua vida exposta na imprensa.

Embora esses sejam dois exemplos recentes e relevantes da representação de Sherlock Holmes, o detetive possui muitas outras adaptações. De acordo com Polasek (2014), Holmes pode até mesmo ter influenciado a criação de outros personagens famosos na literatura e no cinema, como Batman, Superman, Doctor Who, James Bond, Harry Potter, Robin Hood e outros, visto que tais personagens eventualmente apresentam características semelhantes ao detetive. Para o autor, “o significado e o valor de Sherlock Holmes residem na capacidade do personagem de existir e sustentar o interesse fora das construções das narrativas particulares nas quais foi escrito pela primeira vez”⁴ (POLASEK, 2014, p. 244, tradução nossa).

A proliferação de tais obras e personagens demonstra o fascínio pelo personagem Sherlock Holmes e o legado duradouro e atemporal da ficção policial de Doyle. Para o escritor e crítico literário William Gass (1971, p. 43) “um grande personagem desperta infinito interesse; seu fascínio nunca desvanece. [...] A grande literatura é grande porque seus personagens são grandes, e os personagens são grandes porque são notáveis”. No entanto, no cânone de Conan Doyle existem outros grandes personagens que fazem parte do imaginário holmesiano: seu inseparável companheiro Watson, o policial Lestrade, a senhora Hudson, o irmão Mycroft, entre outros.

Ao que concerne as personagens femininas, pode-se afirmar que, de modo geral, apesar de aparecerem em quase todas as histórias de Holmes, dificilmente elas têm um papel significativo no enredo. De acordo com Stacy Gillis em “Gender and sexuality in Holmes” (2019), “o silenciamento das mulheres no cânone de Holmes é generalizado”⁵ (p. 78). Com algumas exceções, *Sherlock* não apresenta grandes interações com mulheres e elas

⁴ “The significance and value of Sherlock Holmes rests in the character’s capacity to exist and sustain interest outside the constructs of the particular narratives into which it was first written.”

⁵ “The silencing of the women in the Holmes canon is pervasive.”

geralmente são caracterizadas em relação a um homem: o marido, o noivo, o pai, refletindo assim algumas dinâmicas de gênero da Era Vitoriana (1837-1901). Apesar de muitas personagens se alinharem às expectativas Vitorianas em relação a mulheres, algumas as confrontam. Portanto, as histórias de Holmes oferecem um vislumbre fascinante das atitudes em relação às mulheres e ao gênero em uma época de grandes contrastes: de muito progresso industrial e ao mesmo tempo muita pobreza para as camadas sociais mais baixas. Ao que concerne às mulheres, qualquer análise deve ter em mente que os papéis sociais femininos ainda eram muito restritivos em todas as classes, e que o casamento era a expectativa social primária:

A sociedade vitoriana mantinha opiniões rígidas sobre o casamento e o papel da mulher na vida. A maioria das mulheres considerava o casamento um fato fixo da natureza. Era uma parte fundamental do plano de vida delas, assim como a maternidade. Em meados do século XIX, a reprodução era considerada a única ocupação correta para a mulher. Em média, mulheres de todas as classes se casavam entre as idades de 23 e 26 anos, e os homens entre 25 e 30.⁶

Além disso, a moral vitoriana tinha como ideal de mulher o chamado “Angel in the house”, o anjo do lar, estereótipo em que a mulher era submissa e dedicada integralmente aos filhos e ao marido. No entanto, esse ideal contrastava com uma realidade por vezes violenta no lar, e com movimentos que buscavam uma experiência menos limitada da vida da mulher.

2. Mulheres, literatura e representação

Historicamente invisibilizadas, as mulheres também foram silenciadas na literatura. Quando presentes como personagens em obras de autores homens, suas vozes e agências são frequentemente minimizadas, sendo imaginadas a partir de concepções patriarcais. Como autoras, percorrem um árduo caminho por espaço e reconhecimento nos mais variados gêneros literários. Isto porque, tradicionalmente, o lugar conferido às mulheres na sociedade

⁶ "The Victorian society held rigid 'views on marriage' and the role of women in life. Most women regarded marriage as a fixed fact of nature. It was a fundamental part of their life plan, as was childbearing. In the mid-19th century, reproduction was considered a woman's only correct occupation. On average, women of all classed married between the ages of 23 and 26, men between 25 and 30."

e, conseqüentemente na literatura, foi o das margens, visto que "as representações do feminino no discurso literário têm sua constituição calcada em apreciações de ordem moral e valorativa e em modelos de comportamentos presos ao espírito da nossa cultura, sendo, indubitavelmente, regidas pela lógica patriarcal" (Teixeira, 2009, p. 87). Gerda Lerner define patriarcado como um contexto em que "homens têm o poder em todas as instituições importantes da sociedade e que mulheres são privadas de acesso a esse poder" (Lerner, 2019, p. 322).

As representações podem ser compreendidas como construções simbólicas que articulam modos de apreensão e interpretação da realidade, consolidando-se por meio de estruturas textuais que capturam e perpetuam determinadas visões de mundo. Para Chartier, a representação é um "instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar como ele é" (Chartier, 1990, p. 10). Ao representar um objeto ausente por meio de uma imagem presente, o discurso corre o risco de estereotipar o objeto. Na literatura, este é um tópico de importância significativa, como atestado por Lúcia Zolin (2010):

no âmbito dos estudos literários contemporâneos e, de modo especial, dos estudos de gênero, a noção de representação ocupa um espaço de incontestável importância. Isso porque, nas últimas décadas, a crítica literária tem refletido acerca de seu objeto a partir de vieses teóricos que problematizam insistentemente a relação texto-contexto (Zolin, 2010, p. 184).

Ao situar este estudo em um contexto histórico-social no qual as mulheres e os papéis femininos ainda são constantemente estereotipados e inferiorizados, o artigo parte do pressuposto de que as representações do feminino no discurso literário vêm sendo regidas pela lógica patriarcal (Teixeira, 2009). Nesse sentido, é preciso não perder de vista que apesar das lutas e avanços dos movimentos feministas, em alguns setores da sociedade a mulher ainda é relegada à marginalidade, através de discursos que são cristalizados na memória cultural por meio de materialidades que incluem produções de arte.

No campo literário, mesmo com o esforço da teoria crítica feminista em trazer à baila autoras mulheres que são negligenciadas, o espaço editorial ainda é majoritariamente masculino (Rajakumar; Shahzad, 2015). Paralelamente, a representação de imagens femininas na literatura é problematizada, então, a partir da noção de que, historicamente, o "sujeito imbuído do direito de falar – e falar com autoridade – é de classe média-alta, branco

e pertencente ao sexo masculino” (Zolin, 2010, p. 185). De acordo com a autora, as teorias críticas feministas vêm aumentando o debate sobre identidades femininas na literatura canônica ao mesmo tempo em que observam contrastes na literatura produzida por mulheres na contemporaneidade, e situa-se “nesse contexto com o intuito de desestabilizar a legitimidade da representação, ideológica e tradicional, da mulher na literatura canônica” (Zolin, 2010, p. 185).

A representação literária não é um espelho neutro da realidade, mas uma construção mediada por convenções estéticas, regimes de visibilidade e disputas históricas de poder. Ao longo dos séculos, as personagens femininas têm sido moldadas por expectativas sociais sobre gênero, sexualidade, classe e raça — ora reiterando normas, ora abrindo frestas de contestação. Por muito tempo, a literatura foi dominada por vozes masculinas, e as personagens femininas frequentemente serviam para reforçar papéis de gênero tradicionais ou atuar como meros coadjuvantes na jornada do herói.

De acordo com Feitosa e Rodrigues (2021), a literatura, como manifestação artística, tem sido, por séculos, um reflexo de uma sociedade com visões hierárquicas e patriarcais. Durante muito tempo, a representação feminina nos cânones literários foi baseada em modelos tradicionalmente excludentes, colocando a mulher em uma posição marginalizada, submissa e, muitas vezes, reclusa à vida familiar.

Nesse cenário, os homens, como principais produtores dessas narrativas, criavam projeções de mulheres que “satisfaziam seus olhos e seu gosto”, disseminando um “modelo ideal de mulher”(Feitosa e Rodrigues, 2021, p. 4). A figura feminina era frequentemente associada à fragilidade, à submissão e à necessidade de amparo masculino. Essa visão limitada privou as personagens de agência e de uma voz ativa, sujeitando-as ao papel de “objeto” ou de um “não-homem”, em contraste com o homem, que historicamente assumiu o lugar de sujeito na história.

Em suma, a representação feminina é com frequência moldada pela sua dependência ao homem, seja na figura do pai, do marido ou do homem salvador. Essa dependência não se manifesta apenas em termos de proteção ou subsistência, mas também na definição de sua própria identidade e propósito, como se o valor de uma mulher estivesse intrinsecamente ligado à sua capacidade de servir ou complementar uma figura masculina. Essa construção não é apenas uma característica narrativa, mas um reflexo da performatividade de gênero, que, segundo Judith Butler, pode ser entendida como “um ato performativo

institucionalizado que cria e legisla a realidade social pela exigência de uma construção discursiva/perceptiva dos corpos, segundo os princípios da diferença sexual” (Butler, 2018, p. 156).

Assim, na literatura, a dependência feminina se torna um ato performativo compulsório, onde a personagem se conforma a um papel imposto, repetindo ações e comportamentos que perpetuam a visão de que sua existência só se completa em relação ao homem, solidificando a hierarquia social e limitando sua autonomia e subjetividade: uma característica muito presente na representação feminina no cânone de Sherlock Holmes. Desta forma, reconhecendo a importância da noção de representação nos estudos literários contemporâneos e de gênero, esta pesquisa volta seu olhar à ficção policial de Conan Doyle.

Estudos destacam que “a ficção policial tem, ao longo de sua história, valorizado modos de conhecimento convencionalmente associados à masculinidade: racionalidade, lógica, a primazia do empirismo e a recusa da emoção”⁷ (Plain, 2020, p. 102). Assim, historicamente moldado pela lógica masculina, esse gênero constantemente limita e oculta as complexidades e possibilidades das personagens femininas e sua agência dentro da narrativa, como se nota no cânone de Doyle, onde as mulheres, com poucas exceções, carecem de profundidade e desenvolvimento de personagem.

Apesar de alguns avanços e ampliação de nuances do gênero policial a partir da década de 1990, estudiosos têm chamado a atenção para a problemática da representação feminina nesse tipo de narrativa. A falta de representação e agência das personagens femininas e suas imagens geralmente vinculadas a um homem nas aventuras de Sherlock Holmes é um fator imbuído nas próprias concepções deste gênero literário, e pode ser indicativo das dinâmicas de gênero Vitorianas: um período em que, apesar de importantes movimentos da luta feminina, as mulheres ainda tinham um papel muito ligado ao espaço privado, o lar, e eram privadas de muitos direitos. No entanto:

A popularidade surpreendente e persistente das histórias de Holmes talvez deva algo à posição das mulheres nelas: presenças sombrias, perturbadoras e inexplicáveis que exigem a proteção masculina ou representam ameaças à ordem

⁷ “Detective fiction has, throughout its history, valorised modes of knowledge conventionally associated with masculinity: rationality, logic, the primacy of empiricism and the refusal of emotion”

masculina que devem ser contidas, as mulheres nunca podem atuar como detetives em um mundo holmesiano⁸ (Reddy, 2003, p. 192).

Mesmo em face a tal problemática, estudos apontam que investigações acerca de personagens femininas nesse gênero ainda são pouco estudadas:

As personagens femininas ocupam os papéis arquetípicos mais significativos neste gênero [...] No entanto, tem havido pouca ou nenhuma análise dos papéis das mulheres fora da personagem detetive/protagonista, embora elas ocupem posições significativas e variadas dentro dos exemplos do gênero⁹ (Saunders, 2015. p. 3).

3. Uma personagem escandalosa

Irene Adler, de “Um escândalo na Boêmia” já desafia os estereótipos da época em que foi criada por Doyle em 1891 em seu primeiro conto: no enredo original, ela faz chantagem ao futuro rei da Boêmia, com quem teve um relacionamento e está prestes a se casar com outra mulher. Irene possui uma foto que compromete o casamento do príncipe, e Sherlock é contratado para recuperar tal objeto de chantagem. Porém, Irene consegue ser mais esperta que Sherlock, desvenda seus planos e foge com a foto, deixando para trás um bilhete e uma foto somente dela, a qual Sherlock guarda para sempre, admirado de sua astúcia e inteligência: “E foi assim que um grande escândalo ameaçou o reino da Boêmia, e que os melhores planos do sr. Sherlock Holmes foram destruídos pela inteligência de uma mulher” (Doyle, 2024, p. 271).

Apesar de figurar apenas nessa história de Doyle, a relevância de Irene a tornou uma personagem recorrente em histórias posteriores não-canônicas, que foram criadas tanto por fãs, conhecidas como *fanfiction*, quanto em adaptações de sucesso para mídias como o cinema e a TV, em peças de teatro, e ainda em pastiches e paródias do universo do grande detetive vitoriano. Ao ser a única mulher que venceu e enganou Sherlock Holmes, “sua igual em disfarce e pensamento lógico”¹⁰ (Reddy, 2003, p. 212), e, contrapondo-se ao estereótipo

⁸ “The astonishing and persistent popularity of the Holmes stories may owe something to the position of women within them: dark, disruptive, inexplicable presences who either require male protection or pose threats to masculine order that must be contained, women can never act as detectives themselves in a Holmesian world.”

⁹ “Female characters occupy most significant archetypal character roles in this genre [...] However there has been little to no character-study on the roles of women outside of the detective/protagonist character, and yet they occupy significant and varied positions within examples of the genre.”

¹⁰ “His equal in disguise and logical thought”

do anjo do lar, Irene virou objeto de verdadeira fascinação no universo holmesiano, sendo retratada das mais variadas maneiras, pois:

em um universo literário repleto de mulheres vítimas, oprimidas e manipuladas pelos homens em suas vidas, a própria Irene é a manipuladora. Ela é mais esperta do que um dos maiores detetives da história da literatura. Ela ignora todos os papéis e expectativas de gênero de sua época, virando o convencionalismo de cabeça para baixo¹¹ (Poole, 2014, p. 23)

Em um processo de adaptação, compreende-se que o contexto sociocultural influencia significativamente a forma como determinados aspectos culturais são retratados. É razoável esperar que, em adaptações contemporâneas, certos estereótipos limitantes relacionados ao gênero sejam questionados ou superados. No entanto, nem sempre é o que ocorre. Um exemplo notável é a série televisiva *Sherlock* (BBC, 2010), que, ao adaptar a personagem Irene, reforça concepções Vitorianas sobre a mulher, apresentando-a como emocionalmente vulnerável e intelectualmente inferior aos personagens masculinos.

Nesse contexto, este artigo destaca a relevância de reler o cânone literário sob a luz de novas perspectivas contemporâneas. Ao mesmo tempo, o olhar para produções recentes derivadas da literatura canônica, como adaptações e pastiches, permite o exame de representações de gênero no contexto cultural em que foram produzidas, atualizando o debate sobre a complexa relação da mulher na literatura de cunho criminal.

Ao refletir sobre adaptação, os estudos de literatura em campo expandido ressaltam a importância do contexto cultural de produção e reprodução da obra adaptada como um aspecto primordial, pois “as adaptações moldam/respondem a mudanças culturais historicamente específicas”¹² (Mccaw, 2011, p. 11). Na indagação sobre a representação de personagens femininas em suportes adaptativos de mídia, cabe abrir o olhar para esse quadro maior em que as mídias se situam, pois elas “pertencem a um contexto – um tempo e um lugar, uma sociedade e uma cultura” (Hutcheon, 2011, p. 17). Tal perspectiva destaca a ampla gama de adaptações que são criadas de maneira criativa e interpretativa, mas que são também

¹¹ “In a literary universe full of victimizes women, oppressed and manipulated by the men in their lives, Irene herself is the manipulator. She outwits one the greatest detectives in literary history. She ignores all gender roles and expectations of her time, turning conventionality on its head.”

¹² “Adaptations shape/respond to historically specific cultural change.”

ideológicas, sociais, históricas e estéticas, e, portanto, podem ser um meio de observar a cultura e questionar normas e valores. Para Linda Hutcheon,

a adaptação é (e sempre foi) central para a imaginação humana em todas as culturas. Nós não apenas contamos, como também recontamos nossas histórias. E recontar quase sempre significa adaptar – ‘ajustar’ as histórias para que agradem seu novo público (Hutcheon, 2011, p. 10).

No processo de apreciação e gosto pela arte da palavra, a imaginação humana expande a literatura para diversos formatos: além de filmes adaptados, são produzidas histórias em quadrinho, desenhos animados, vídeo games, sites interativos, musicais, paródias, pastiches, e muitos outros formatos: “a literatura não tem mais um único local material, e podemos nos perguntar se ela já teve um”¹³ cita Kiene B. Wurth (2012, p. 1).

É preciso então levar em consideração esses diversos formatos que emergem da imaginação humana. Abordar a literatura em um cenário de campo expandido pode auxiliar na compreensão da multifacetada relação da mulher com a ficção policial.

Em síntese, o estudo de ficção policial sob as lentes da crítica feminista pode ser enriquecido ao se ampliarem os horizontes de investigação para além dos textos canônicos já consolidados pela crítica. Suportes midiáticos e textuais contemporâneos que reimaginam personagens femininas do século XIX podem auxiliar na empreitada de compreender de forma mais abrangente como estereótipos, expectativas e concepções sobre a mulher são cristalizados e desafiados em diferentes produções de arte ao longo da história.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –Brasil (CAPES) –Código de Financiamento 001.

¹³ “Literature has no longer a single material location, and one may wonder if it ever had one.”

Referências

BIOGRAPHY. Arthur Conan Doyle Biography. **A&E Television Network**, 2014. Disponível em: <https://www.biography.com>. Acesso em: 12 ago. 2025.

CHARTIER, R. **A história cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DOYLE, Arthur Conan. Um escândalo na Boêmia. In: _____. **Sherlock Holmes Obra Completa**. Volume 1. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2024. p. 249-271.

FEITOZA, Alexandra Vitória Modesto; RODRIGUES, Emer Merari. Notas sobre a representatividade feminina: da literatura ao cinema contemporâneo. **Revista Científica Novas Configurações – Diálogos Plurais**, v. 2, n. 1, 2021.

GILLIS, Stacy. Gender and Sexuality in Holmes. In: ALLAN, Janice; PITTARD, Christopher (ed.). **The Cambridge Companion to Sherlock Holmes**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. p. 68-80.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Ed. da UFSC, 2011.

MCCAW, Neil. **Adapting Detective Fiction: Crime, Englishness and the TV Detectives**. A&C Black, 2011.

PLAIN, Gill. Gender and sexuality. In: ALLAN, Janice et al. (ed.). **The Routledge Companion to Crime Fiction**. Abingdon: Routledge, 2020. p. 102-110.

POLASEK, Ashley D. **The Evolution of Sherlock Holmes: Adapting Character Across Time and Text**. Inglaterra: Montfort University, 2014.

RAJAKUMAR, Mohanalakshmi; SHAHZAD, Rumsha. She Needs a Website of Her Own: The 'Indie' Woman Writer and Contemporary Publishing. In: **Literary Careers in the Modern Era**. London: Palgrave Macmillan UK, 2015. p. 184-195.

REDDY, Maureen T. Women detectives. In: PRIESTMAN, Martin (ed.). **The Cambridge Companion to Crime Fiction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 191-207.

SAUNDERS, Samuel. **Many suitable jobs for women: Examining the Female Character in Victorian Detective Fiction**. Dissertation. Liverpool John Moores University. 2015.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. Entre o ser e o estar: o feminino no discurso literário. *Guairacá*, Guarapuava, v. 25, n. 1, p. 81-102, 2009. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/guaiaraca/article/view/1125/1082>. Acesso em: 17 nov. 2024.

WURTH, Kiene Brillenburg (Ed.). **Between page and screen: remaking literature through cinema and cyberspace**. Fordham Univ Press, 2012

ZOLIN, Lúcia Osana. Questões de gênero e de representação na contemporaneidade. **Letras**, Santa Maria, v. 20, n. 41, p. 183-195, 2010.